

01

ENTREVISTA A FILIPE FURTADO

Júlio França

Flavio García

Daniel Augusto P. Silva

Recebido em 01 abr 2017. Júlio França tem doutorado em Literatura Comparada pela UFF (2006), com pós-doutorado pela Brown University (2015). É professor de Teoria da Literatura do Instituto de Letras e coordenador geral do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ. É líder do grupo de pesquisa Estudos do Gótico (CNPq) e integrante do GT da ANPOLL “Vertentes do Insólito Ficcional”. Seus artigos mais recentes podem ser lidos na página “Sobre o Medo” (sobreomedo.wordpress.com).

Aprovado em 30 abr 2017.

Flavio García é Pós-Doutor pela UC (2016), UFRGS (2012) e UFRJ (2008), Doutor pela PUC-Rio (1999) e Mestre pela UFF (1995). Professor Associado da UERJ, atua no Mestrado e Doutorado na área de Estudos de Literatura. Foi o primeiro coordenador do GT ANPOLL “Vertentes do Insólito Ficcional” (julho de 2011 a junho de 2016) e é líder do GP Diretório de Grupos do CNPq “Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica” (desde 2001). Vem publicando variados títulos (livros de autoria própria ou organizados, capítulos de livro e artigos em periódicos) sobre as “vertentes do insólito ficcional” no Brasil e no exterior. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4242057381476599>.

Daniel Augusto P. Silva é mestrando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, também na UERJ, e bolsista CAPES, sob a orientação do Prof. Dr. Júlio França. Além disso, integra o Grupo de Pesquisa Estudos do Gótico (CNPq). É coorganizador do livro *Páginas Perversas: narrativas brasileiras esquecidas* (Appris, 2017). E-mail para contato: daniel.augustopsilva@gmail.com



Filipe Furtado é professor catedrático aposentado da Universidade Nova de Lisboa, Portugal, tendo também lecionado na Universidade de Lisboa e nas Universidades de Oxford e Portsmouth, Reino Unido. É doutor (1987) e mestre (1979) em Literaturas de Língua Inglesa, tendo defendido a tese *Demónios íntimos*. A narrativa fantástica vitoriana (origens, temas, ideias), que será publicada brevemente no Brasil, e a dissertação *A construção do fantástico em H.P. Lovecraft*, cujo volume I lhe rendeu a publicação de *A construção do fantástico na narrativa* (Lisboa: Livros Horizonte, 1980), e o volume II, *O Fantástico: procedimentos de construção narrativa em H. P. Lovecraft* (Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017). As principais áreas de investigação a que se tem dedicado desde a década de 1970, publicando textos e apresentando trabalhos são: Fantástico e géneros próximos na literatura; Pensamento político inglês no Século XVII; Pensamento e cultura na Era Vitoriana; Política externa britânica no Século XX. Durante as últimas décadas, tem-se interessado crescentemente pelas relações entre ciência e cultura na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, dirigindo e, mais recentemente, colaborando com uma linha de ação do CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) das Universidades do Porto e Nova de Lisboa, em Portugal. Integra a equipe do *E-Dicionário de Termos Literários* (<http://www.edtl.com.pt>), coordenado por Carlos Ceia, da Universidade Nova de Lisboa, assinando diferentes verbetes.

P.: O senhor lançará, em agosto de 2017, durante o XV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o seu livro ainda inédito *O Fantástico: procedimentos de construção narrativa em H.P. Lovecraft*, que corresponde à

segunda parte de sua dissertação de mestrado. Nele, o senhor busca descrever e analisar temas e motivos mais recorrentes e relevantes nas narrativas de Lovecraft consideradas fantásticas, bem como aspectos narratológicos que as estruturam. Em diversos momentos de seu trabalho, há o destaque de características dos textos lovecraftianos que os afastariam do gênero fantástico, sob o ponto de uma classificação rígida, tais como, por exemplo, a presença hiperbólica de monstros. O que o motivou a escolher a obra de Lovecraft como estudo de caso, tendo em vista a primeira parte da dissertação, já publicada (*A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980), ser, basicamente, um conjunto bem estruturado de proposições teóricas e metodológicas de abordagem do gênero?

R.: Quando pensei num assunto (e num autor) para esse trabalho, o meu interesse pela ficção do insólito em geral levou-me, então, a considerar alguém no domínio do fantástico ou da ficção científica (FC). Já antes entusiasmado pelo excelente estudo de Tzvetan Todorov, *Introduction à la littérature fantastique*, decidi-me pelo primeiro e sugeri a mim próprio a hipótese, em alternativa, de estudar os contos fantásticos de Henry James ou de Vernon Lee. Um dos mais importantes romancistas norte-americanos e artista a todos os títulos notáveis, James escreveu várias narrativas do género (entre as quais avulta *The Turn of the Screw*) que, segundo penso, constituem o melhor conjunto de sempre no tocante a textos fantásticos de elevada qualidade literária. Contudo, deixei Henry James, Vernon Lee e muitos outros para uma eventual dissertação

de doutoramento, acabando por preferir H. P. Lovecraft (HPL). Desde que, com 15 ou 16 anos, li *The Case of Charles Dexter Ward*, tornei-me num dos fiéis de HPL. De facto, a escolha teve mais a ver com a admiração pela obra do autor do que por este ser estritamente geocêntrico. De qualquer modo, embora flutue frequentemente entre a fantasia, a narrativa de horror, a ficção científica e o fantástico, um grande número de traços deste último está presente em quase todos os seus contos e novelas.

P.: Edmund Wilson (1895-1972), célebre crítico norte-americano, classificou, certa vez, a produção literária de Lovecraft da seguinte forma: “O único horror autêntico nessas obras é o horror do mau-gosto e da má arte” (*Tales of the marvelous and the ridiculous*. In: *Classics and Commercials; a Literary Chronicle of the Forties*. New York: Vintage Books, 1962. p.286-290). Por muito tempo, a literatura lovecraftiana foi, de fato, encarada como menor, de baixa qualidade, não mais que mera *pulp fiction*. Em determinado momento, no seu livro, há a classificação de algumas narrativas do autor como de “extremo mau gosto”. Como o senhor avalia tais juízos críticos depreciativos, e o que teria contribuído para o posterior reconhecimento do valor literário de Lovecraft?

R.: Apesar da sua admirável estatura intelectual, Edmund Wilson (como, de resto, qualquer dos outros grandes críticos literários ou de arte em geral) recorria a escrutínios de pendor algo “canónico”. Ora, o que, para ele, não passava então de mera *pulp fiction* não teria qualquer direito de cidade no areópago da literatura verdadeiramente grande. De qualquer modo, no

tocante ao comentário (distráído e, em grande medida, injusto) de Wilson, convirá lembrar que HPL não se encontra nada mal acompanhado na (algo longa) lista de proscritos do eminente crítico. Afinal, este também teve expressões draconianas para figuras como J. R. R. Tolkien ou Anaïs Nin e o próprio Ernest Hemingway escapou por pouco ao seu franzir de sobrolho.

Quanto ao que terá contribuído para o ulterior reconhecimento do valor literário de HPL, sugiro algumas razões sem, contudo, seguir qualquer ordem de prioridades. Desde logo, é relevante o enorme êxito da ficção lovecraftiana no que toca ao público leitor à escala mundial, com tiragens imensas. Isto terá decerto propiciado um olhar mais atento e, em muitos casos, mais favorável. Por outro lado, será de contar com o gradual conhecimento e consequente apreciação por parte de diversos críticos e editores mais em evidência. Recordem-se as recentes edições de W. W. Norton, Barnes & Noble e Penguin Classics, assim como o acréscimo de prestígio que elas naturalmente implicam. Finalmente, em 2005, um volume de contos de HPL passou a integrar a colectânea *Library of America Series*, outrora concebida pelo próprio Edmund Wilson. Mencionaria também aquilo que considero ser o efeito, por assim dizer, terapêutico deste domínio da literatura. De facto, a ficção do insólito em geral e as narrativas de terror e de horror em particular tendem a mostrar a quem sofra ou receie sofrer distúrbios psíquicos de qualquer tipo que essa pessoa não está isolada no seu infortúnio real ou imaginário, que outros têm problemas e angústias similares ou piores. Penso ainda que a própria crítica de Wilson terá tornado HPL mais conhecido e discutido entre

um público tendencialmente *highbrow* na segunda metade dos anos 40, embora o interesse pela sua obra se tenha começado a acentuar sobretudo na década de 50.

Não me recordo de haver etiquetado qualquer narrativa de HPL como “de extremo mau gosto”, embora o possa porventura ter feito em relação a alguns passos. Se tal ocorreu, aproveito a ocasião para me penitenciar. Contudo, isso não significa que não haja algumas (raras) parcelas de mau gosto dispersas pela obra ficcional do escritor, sobretudo relacionadas com a expressão de várias das suas abjecções ou fobias mais imperativas. É este o caso de sensações associáveis ao frio, ao mar, aos abismos submarinos, aos líquidos e superfícies viscosos, aos cheiros nauseabundos, à consciência ou suspeita da (própria) fealdade, etc..

P.: Em *A construção do fantástico na narrativa* (1980), o senhor comenta que a teorização de Lovecraft sobre o gênero fantástico seria de pouco interesse e de qualidade inferior se comparada à produção ficcional do escritor. Na conclusão de *O Fantástico: procedimentos de construção narrativa em H.P. Lovecraft* (2017) é apresentada a ideia de que, na obra de Lovecraft, o uso excessivo de estratégias textuais para gerar horror como efeito estético acabaria por afastar as narrativas do fantástico. Por esse motivo, os textos apresentariam certo hibridismo, no que se refere à classificação, oscilando entre o estranho, o fantástico e outras vertentes próximas. Essa seria a razão para a pouca relevância que o senhor identifica em *O horror sobrenatural na narrativa*? Haveria, portanto, uma incompatibilidade entre o horror e o fantástico?

R.: Em certa medida, sim, particularmente quando existe no texto um excesso de estratégias destinadas a provocar terror ou horror. Permita-se-me começar por explicitar a minha perspectiva recorrendo ao título de um conto muito conhecido de E. F. Benson, publicado em *Visible and Invisible* (1923). Trata-se de “*Negotium perambulans (in tenebris)*”. Tal como esta expressão pode ser interpretada e parece apontar, o monstro, a “coisa” abominável, deve deambular no meio das trevas, aparecendo o mínimo possível e sendo apenas vagamente entrevisto.

A propósito, confesso que o meu modelo ideal de fantástico, aquele pelo qual sempre me guiei para caracterizar o género é, sobretudo, baseado na *ghost story* das décadas finais do século XIX e das primeiras do XX. Ora, é bem conhecida a reserva que as narrativas deste período, assim como imensas outras de épocas mais recentes, evidenciam face a uma caracterização intensa da entidade ou manifestação supostamente sobrenatural.

Regressando à questão inicial, convém sublinhar que a representação textual do terror ou do horror é, em regra, susceptível de conduzir a pormenores excessivos de descrição e de exposição do elemento metaempírico, os quais se podem revelar extremamente nocivos à aparência de racionalidade, de juízo equilibrado e de justa medida que o fantástico deve (precisa de) proporcionar ao leitor. Acontece que HPL exhibe o monstro completamente e fá-lo, não raro, com frequência desnecessária. Dele se poderia dizer que é manifestamente teratófilo, deleita-se demasiado com a descrição do monstro, nela insistindo reiteradamente e, desse modo, dificulta o desenvolvimento e a manutenção da ambiguidade fantástica.

Precisamente para se preservar a sua verossimilhança, raras vezes a manifestação sobrenatural deve passar de uma leve suspeita, quando muito apenas entrevista, nunca descrita com pormenor, como é prática corrente (e infeliz!) de muitas narrativas e filmes de terror e horror. Quanto maior for a profusão e a intensidade dos meios imagéticos tanto maior se torna o risco de a descrição cair no grotesco, afinal uma forma de racionalizar o aparente sobrenatural e de anular o equilíbrio da ambiguidade. Em regra, os filmes ditos de terror raramente deixam de cair no ridículo (e de decepcionar muitos espectadores) pela completa inépcia dos seus realizadores ou, talvez, por estes considerarem que o público mais ignaro, a que preferem agradar, gosta de ver monstruosidades absurdas como, por exemplo, adora cenas de pugilato ou perseguições de automóveis.

Quanto a *Supernatural Horror in Literature*, as minhas observações devem-se ao facto de o texto não ser propriamente uma obra teórica, mas sobretudo uma história (sem dúvida interessante, útil e de grande acuidade crítica) deste domínio da ficção, desde o romance gótico até à época do autor. De resto, pensava (e ainda penso) que, com a sua óbvia vocação para o rigor de análise, sobejamente demonstrado nos ensaios sobre Ciência, HPL poderia (deveria!) ter também escrito um livro de facto teórico sobre os vários géneros que se interpenetram na sua obra.

P.: Já nas páginas iniciais de *O Fantástico*: procedimentos de construção narrativa em H.P. Lovecraft (2017), o senhor descreve parte da ficção lovecraftiana como “precursora

da moderna ficção científica”. Nos contos do autor norte-americano, contudo, inovações tecnológicas e conteúdos científicos são muitas vezes utilizados não para antecipar o futuro, mas para desvendar mistérios sobre o passado. Seria lícito, então, dizer que Lovecraft inova a ficção científica ao voltá-la para as origens do homem, e não para o seu porvir?

R.: Creio que não se trata propriamente disso. Caberá aqui lembrar que a FC também se embrenha no passado, sobretudo com a rica e já provecta temática da viagem no tempo, nem sempre necessariamente dirigida ao futuro. Não raro, mostra-se, mesmo, retrofuturista (como as narrativas do tipo *steampunk* ou *sword and sorcery*, por exemplo), misturando passado e futuro ou fazendo incursões num para se projectar no outro. A propósito, ocorre-me recordar um conto de Ray Bradbury, “A Sound of Thunder” (escrito em 1952 e incluído em *The Golden Apples of the Sun*), que descreve uma viagem turística desde o futuro (meados do século XXI) até ao período Cretáceo. Implica, portanto, um enquadramento temporal equivalente a um passado de mais de 65 milhões de anos. Exemplos desta ordem poderiam, obviamente, ser repetidos em grande número.

Ao longo da obra de HPL, surgem numerosos e variados elementos usuais na FC, mesmo que apenas alguns dos seus textos nela possam ser integrados. São, com efeito, frequentes as referências ou meras alusões a alienígenas, ao espaço, a planetas ou estrelas, a dados astronómicos de vária ordem, a aspectos de outros domínios científicos, a cientistas, a práticas médicas extremas, etc. Pelo menos as seguintes narrativas

do escritor poderiam ser incluídas em qualquer antologia de FC sem, de algum modo, destoarem significativamente do conjunto: “From Beyond”, “Cool Air”, “The Colour out of Space”, “The Whisperer in Darkness”, *At the Mountains of Madness* e “In the Walls of Eryx”. A própria FC viria, entretanto, a evoluir com o rolar da História, a tornar-se mais “tecnológica”, mais atenta a questões sociais, políticas e ambientais, entre outras, e menos interessada em magia ou em efeitos tenebrosos. Finalmente, caberá ainda lembrar o facto de o nome e a obra de HPL se encontrarem em praticamente todas as enciclopédias sobre FC.

P.: Como um dos procedimentos narrativos mais utilizados por Lovecraft para engendrar a verossimilhança de seus contos, o senhor indica as frequentes alusões a outros textos, reais ou fictícios, tais como livros, manuscritos, cartas e diários. Essa estratégia foi, aliás, bastante empregada por autores anteriores – como Allan Poe, por exemplo – e posteriores – caso de Jorge Luis Borges, ele próprio um admirador do escritor de Providence. Durante os anos 1970, houve mesmo quem acreditasse e criasse cultos reais em torno do “Necronomicon”, e edições da obra imaginária foram vendidas como se fossem livros de não ficção. O senhor diria que este procedimento – a criação de zonas cinzentas entre o real e o imaginário – é uma pedra fundamental do fantástico?

R.: Sim, sem dúvida, desde que essas zonas dúbias sejam habilmente evocadas. Com efeito, embora, em narrativas da vasta área da fantasia, essa terra-de-ninguém possa ser concebida com extrema latitude de imaginação e empregada com frequência, em textos do género fantástico, a introdução

de tal enquadramento deverá revestir grande prudência e contenção de modo a não se fazer perigar o equilíbrio da ambiguidade. O fantástico (e a ambiguidade que lhe é inerente) vive, por assim dizer, no fio da navalha, procurando manter um equilíbrio (necessariamente tenso e tão hábil quanto possível) entre uma grande soma de dados, figuras e acontecimentos similares aos do mundo real e, por outro lado, raras e rápidas intromissões de algo que mal se vislumbra ou pressente, mas que nada parece ter a ver com ele.

P.: Em *O Fantástico*: procedimentos de construção narrativa em H.P. Lovecraft (2017), o senhor ressalta a ausência de conteúdo expressamente erótico na obra de Lovecraft, o que contraria uma tendência do gênero fantástico em explorar, sistematicamente, tópicos ligados à sexualidade. Esse traço da ficção lovecraftiana resultaria do destacado intelectualismo das personagens principais, descritas também como misantropas, misóginas e, em alguns casos, apresentando certo grau de psicopatia. Lovecraft teria, com isso, antecipado, de certa maneira, a tendência à desumanização dos protagonistas – observável na ficção de horror sobretudo a partir dos anos 1970, com a ascensão de heróis e anti-heróis psicopatas e *serial killers*, como o Norman Bates, de Robert Bloch, ou Hannibal Lecter, de Thomas Harris?

R.: Creio que sim. Nesse sentido, HPL terá sido “pai” de incontáveis psicopatas (e sociopatas) masculinos criados na literatura e no cinema norte-americano entre os anos 50 do século XX e a actualidade. A Norman Bates (de Robert Bloch) e a Hannibal Lecter (de Thomas Harris), acrescentaria Patrick Bateman, o

American Psycho de Bret Easton Ellis. Teríamos, assim, reunido o que será talvez o mais notável (e eficaz!) “gang” de psicopatas assassinos jamais surgidos na ficção dos E.U.A. Não me parece difícil ou erróneo filiá-los, directa ou indirectamente, em personagens de HPL e, mesmo, em algumas idiossincrasias do escritor, embora tal exigisse outra circunstância e um texto muito mais longo do que esta despretensiosa resposta. De qualquer modo, cumpre lembrar que Robert Bloch foi um dos escritores, então ainda bastante jovens, que se tornaram discípulos de HPL e nunca esconderam o que deviam ao seu mentor. Sobre Harris e Ellis, o mínimo que se pode dizer, será que, quando começaram as respectivas carreiras literárias, HPL era já demasiado conhecido nos E.U.A. e no mundo para que lhes pudesse passar despercebido.

P.: Outro conteúdo notoriamente ausente na obra de Lovecraft é a religião. Como o senhor aponta muito bem, os protagonistas das obras são bastante materialistas e não costumam proferir crenças religiosas. Mesmo os cultos profanos aos entes dos mitos de Cthulhu seriam uma “gigantesca fraude”, já que estariam direccionados a seres sem clemência e indiferentes aos desígnios humanos. Ao criar um panteão de criaturas maléficas, deuses às avessas, Lovecraft estaria parodiando as práticas religiosas? Enfim, seria possível dizer que a visão de mundo que se depreende da ficção lovecraftiana é niilista, já que nem a ciência nem a religião poderiam conduzir o homem à estabilidade e à paz?

R.: Segundo penso, mais do que meramente parodiar as práticas litúrgicas, os cultos prestados às entidades dos mitos de Cthulhu

visam acusar as religiões, mostrar até que ponto, ao longo da História, têm sido nocivas à espécie humana, fomentando guerras, tirania, obscurantismo, hipocrisia e diversos outros malefícios. Enfim, precisamente o contrário do que pregam. Estas são, de resto, perspectivas comuns à maioria dos que se veem como ateus e materialistas. Se existe paródia, ela dirigir-se-á sobretudo aos crentes humanos. Com efeito, esses cultos revelam um colossal equívoco por parte dos adoradores. Afinal, veneram aqueles que, um dia, farão deles escravos dos seus desígnios ou os aniquilarão quando deixarem de ser úteis. Sobre o que HPL pensava acerca de religião, será esclarecedor consultar, entre outras, a carta dirigida a um amigo, Maurice W. Moe, em 15 de Maio de 1918, geralmente designada por *a letter on religion* e de fácil acesso na internet.

Quanto à mundividência de HPL, ela parece-me percorrer toda uma série de *nuances* ao longo da sua obra ficcional. Por vezes, trata-se de mero cepticismo face à religião, aos códigos axiológicos, à História e à validade do que se considera serem dados irrecusáveis do real, assim como às contingências da percepção humana em relação a eles. Noutros momentos, HPL decide-se pelo cinismo, atitude, segundo ele, inerente a qualquer autor de narrativas de horror. Não raro, afunda-se num acentuado pessimismo, pelo menos decorrente de Friedrich Nietzsche, no plano filosófico, e de Oswald Spengler em relação ao devir histórico da civilização ocidental. Chega, assim, em vários dos seus textos, ao puro niilismo, para fugir ao qual, a única solução será o suicídio, a total anulação da consciência, a homeostase definitiva que apaga todas as

angústias e que apenas a morte pode proporcionar. É o que, por exemplo, confessa o narrador autodiegético de “Dagon”, logo no início do conto.

P.: No penúltimo capítulo de *O Fantástico*: procedimentos de construção narrativa em H.P. Lovecraft (2017), há a indicação de que as narrativas lovecraftianas explicitariam o passado como “uma idade de ouro, já perdida para sempre, mais segura e desejável do que o presente e, sobretudo, do que o futuro”. Observamos, no entanto, que os seres mitológicos criados pelo autor também são colocados em um tempo passado, primordial, do qual surgem diferentes horrores. Como essa ambiguidade em relação ao passado é sustentada e explorada na ficção lovecraftiana?

R.: Nesse caso, pretendia referir-me ao passado relativamente recente de certas personagens humanas e do próprio autor. Não ao passado longínquo, primigénio, em que a Terra teria sido invadida e infestada pelas entidades alienígenas dos mitos de Cthulhu. Essa “idade de ouro” emerge em vários contos através de uma Nova Inglaterra idealizada, das descrições de paisagens rurais, das mansões vitorianas e das referências a Providence, desde o período colonial à época em que HPL ainda teria poucos anos de vida. Quando, no final da década de 70, escrevi sobre o autor, tentei evitar qualquer percurso crítico de orientação psicanalítica, até por ainda não me sentir capacitado para tal. Contudo, já me era inevitável considerar HPL uma figura extremamente adequada a um estudo de teor psicobiográfico. Pensava eu, então, em algo talvez a meio caminho entre a longa e excelente análise de Marie Bonaparte

sobre Edgar Poe (1933) e o não menos interessante livro de Marthe Robert, *Roman des origines et origines du roman* (1972). O primeiro foca um vulto cimeiro da literatura norte-americana confrontado com diversos problemas estético-literários, filosóficos, psíquicos e de vivência pessoal que, *mutatis mutandis*, também ensombraram a vida de HPL. O segundo reporta-se às incidências literárias do conceito freudiano de “romance familiar”, assim como às fantasias que as crianças tecem em torno das suas próprias origens. Como será escusado dizer, as que considero as melhores biografias do autor (a de L. Sprague de Camp e, sobretudo, a de S. T. Joshi) já abordaram sobejamente o assunto de forma muito mais completa e satisfatória do que eu jamais faria.

P.: Diversos outros autores foram importantes para a realização da obra de Lovecraft, tais como Poe, Bierce e Chambers, e sua ficção, especialmente no que se refere aos mitos de Cthulhu, teve bastante repercussão em diferentes mídias e formas artísticas posteriores. Em língua portuguesa, o senhor identifica algum escritor, alguma obra ou manifestação literária que estabeleça diálogos intertextuais sistemáticos com o legado do norte-americano?

R.: No tocante à língua portuguesa em geral, devem existir, sobretudo no Brasil, mas conheço muito pouco acerca do assunto. Escrevi sobre HPL em 1977-78 e, desde então, não tive conhecimento de outros trabalhos académicos sobre ele, o que não significa que não tenham surgido. Em Portugal, verifica-se um relativo interesse, embora não tão intenso e generalizado como o existente em países anglo-saxónicos, na França, na

Bélgica ou na Itália, entre outros. De qualquer modo, no tocante a obras do próprio autor, algumas coletâneas de contos e, pelo menos, *The Case of Charles Dexter Ward* tiveram duas ou mais publicações em épocas (e por editoras) diferentes. De autores portugueses, apenas conheço um volume de contos intitulado *A Sombra Sobre Lisboa* e coligido por Luís Corte Real (Edições Sáda de Emergência, Parede, 2006). Inclui 14 histórias de outros tantos contistas, visando constituir um “verdadeiro tributo não só a Lovecraft mas também à cidade de Lisboa”.

P.: A ficção lovecraftiana explicitaria uma “simbologia do conhecimento”, ao apresentar temas ligados à avidez intelectual e à extrapolação do que pode ser conhecido pelo homem. Esse traço também estaria refletido na linguagem dos textos, que fariam constantes referências a descobertas e a fatos científicos, a fim de ressaltar a verossimilhança do narrado. A partir disso, seria possível especular sobre como Lovecraft encararia a contemporaneidade, em que os notáveis avanços tecnológicos são acompanhados por irracionalismos e repúdio ao rigor do pensamento científico?

R.: Trata-se de uma questão muito interessante, para a qual, porém, é difícil encontrar respostas minimamente confiáveis e seguras. No período em que HPL viveu como adulto (praticamente entre 1911 e 1936), já se tornara há muito perceptível o crescente contraste entre a civilização material (com um progresso fulgurante das ciências e das tecnologias) e os avanços e recuos do processo histórico – social, sobretudo nos planos ético, cultural e político. Teorias e descobertas de imenso alcance surgiram antes, durante e depois do grande massacre que foi

a Primeira Guerra Mundial, o mesmo sucedendo na década de 20 e nos anos da de 30 que HPL ainda conheceu, enquanto uma carnificina muito maior se ia preparando. Em 1914, um povo a todos os títulos notável, grande na Ciência, na Filosofia ou na Música, deixara-se obedientemente arrastar por ambições de um imperador narcisista, por uma *clique* militar moderna nos armamentos, mas obsoleta nos conceitos e nas lealdades, assim como por magnatas que nunca mostraram o bom senso de travar aquilo que, de forma inevitável, conduziria à sua própria ruína financeira. Escassos 11 anos após o terrível conflito, surgia a mais tremenda crise económica até então experimentada. Entretanto, o mesmo povo (e, com ele, pelo menos até certo ponto, o nosso autor) ficara ainda mais rendido do que antes a um verdadeiro bando de criminosos e à retórica alucinada de um psicopata frio e implacável. Como vagas monstruosas, o nazismo e o fascismo alastravam na Europa, no Japão e noutros países.

Num mundo assim caótico emergindo após a aparente serenidade da *belle époque*, mesmo sem se recorrer a factores de índole pessoal e familiar, não será difícil compreender as alternâncias de entusiasmo e decepção evidenciadas por HPL, assim como o seu pessimismo, não raro levando a extremos nihilistas. Apesar das notáveis qualidades e aptidões para uma variada gama de domínios intelectuais que evidenciava, o escritor, progressista no plano científico, mas (ultra-) conservador na ideologia, estava longe de ser um avaliador racional e equidistante do devir histórico, o mesmo se podendo dizer das suas opções político-sociais, e de certa

mística “ariana”, cuja insensatez, de resto, foi reconhecendo para o fim da vida.

Perante o mundo de hoje, teria ficado decerto fascinado com muitas das maravilhas que as ciências e as técnicas tornaram possíveis. Tal sucederia, por exemplo, em relação a conceitos como os de matéria e de energia escuras, aos buracos negros, à astronáutica ou ao conhecimento das características reais do Sol e dos planetas. O mesmo se poderia dizer no tocante a teorias como a do *big bang*, a das cordas, a do multiverso ou a da supersimetria, entre outras. Talvez o tocasse muito particularmente saber que a constante cosmológica de Einstein (que o cientista chegou a considerar o seu maior erro) estava, afinal, aproximadamente correcta, em certa medida antecipando a teoria da inflação do Universo e a energia escura. Como é natural, também o impressionariam outros avanços mais conhecidos, como os da Medicina, dos computadores, da internet, da robótica, da automação ou da aeronáutica. Paralelamente, talvez admirasse certos ideais e iniciativas de largo alcance (ONU, União Europeia), assim como o imenso poder atingido pelos E.U.A. à escala mundial. Parece, por outro lado, provável que visse com algum agrado a eleição de Donald Trump. Poderia, a princípio (tal como a maioria dos norte-americanos brancos do seu tempo), encarar com escândalo o nivelamento das raças e de estratos outrora considerados inferiores, a integração social dos afro-americanos no seu país ou o actual aumento da miscigenação interracial. É, porém, admissível que, em breve, se adaptasse às novas circunstâncias.

Contudo, apesar destas e de outras apreciações positivas, HPL não deixaria de notar até que ponto a clivagem entre o progresso

científico e os princípios éticos se tem vindo a aprofundar na convivência dos indivíduos e dos povos. Veria, no século XXI, um mundo, no essencial, muito melhor do que o do seu tempo? Muito mais inclinado para a paz, para os valores humanos, para a solidariedade? Que pensaria das armas nucleares, das depredações selváticas em curso no Médio Oriente e noutros lados, do belicismo endémico susceptível de surgir mesmo quase no coração da civilizada Europa, como sucedeu na ex-Iugoslávia e ocorre na Ucrânia? Como viria a encarar o crescente predomínio da finança sobre a economia e, destas, sobre a política, a ética e a sociedade em geral? E a devastação do meio ambiente e dos recursos do planeta? Enquanto materialista ateu, também se lhe tornaria porventura difícil compreender a sobrevivência e, mesmo, o aparente reforço das religiões num mundo em que as ciências e as técnicas, frequentemente acusadas de culpas que não são suas, têm resolvido tantos problemas e evitado tanto sofrimento.

Em suma: no tocante à sua *Weltanschauung*, à sua forma de encarar a existência, a condição humana e o Universo, duvido que se afastasse muito (ou que, para tal, encontrasse suficientes razões) do cepticismo algo cínico, do pessimismo e do nihilismo que lhe caracterizavam o pensamento durante os escassos anos em que viveu.

P.: Por fim, o que faltou-nos perguntar é o que o senhor gostaria de falar sobre Lovecraft, sua obra e, naturalmente, implicações outras que tenhamos deixado passar ao largo de nossas perguntas?

R.: Quase nada. Por um lado, apenas agradecer a pertinência e a inteligência das questões propostas. Por outro, permitir-me-ia

lembrar, aos leitores da revista *Abusões* que apenas conhecem a ficção de HPL, o facto de este também ter escrito poemas, os quais, porém, nada devem ao modernismo, remetendo antes para preocupações estéticas mais conformes ao século XIX. Acresce que o escritor se correspondeu ao longo da vida com imensas pessoas de nível cultural geralmente elevado, o que originou, de parte a parte, textos não raro de grande interesse. Finalmente, HPL escreveu múltiplos ensaios sobre diversa temática, vários deles excelentes. Apenas os que focam assuntos científicos somam várias dezenas. Todas estas obras mostram à sociedade até que ponto se enganaram os directores de *pulp magazines* que lhe rejeitaram narrativas, poucas décadas mais tarde apreciadas com avidez e quase reverência por milhões de leitores.